

ECOS DE GUIMARÃES

VII ANO — N.º 25

GUIMARÃES, 8 DE JULHO DE 1933

Redacção e Administração

R. Gravador Molarinho, 45
GUIMARÃES

ORGÃO MONARQUICO

Director, Proprietario e Editor
João Pereira da Costa

Comp. e Impr. Tip. Luzitania
R. Gravador Molarinho
GUIMARÃES

Mais uma vez o nosso jornal presta homenagem aos mortos e aos sobreviventes do combate de 8 de julho. E fá-lo com a colaboração d'algumas penas brilhantes que ao mesmo tempo que enaltecem o feito, nos honram com os seus escritos.

Nunca será de mais recordar este dia. Nele começou a Causa Monárquica o seu caminho de verdadeiro sacrificio. O sangue que lá se derramou, fructificou. Somos hoje abalanoche, amanhã seremos governo. Nesse dia poderemos prestar aos mortos e aos sobreviventes do combate as homenagens a que lhes dam direito o seu amor á Monarquia e a sua dedicação á pessoa de de El-Rei.

CHAVES

RELEMBRAR a data de Chaves é prestar homenagem á constancia na fé politica e ao espirito de sacrificio por uma causa — sacrificio levado ao holocausto heroico da propria vida no campo de batalha.

Ha 11 anos que Couceiro, com o seu punhado de bravos, deixou o exilio para vir ha-tear, na terra da patria, a bandeira azul e branca proscripta pelo bamburrio usurpador do 5 de outubro. A partida era desigual e, á parte a sublevação de Cabeceiras de Basto, acaudilhada pelo valente e leal P.º Domingos, e uma ou outra ephemera aclamação nas terras do Norte, a esperada deflagração em alguns centros importantes do paiz não se produziu.

O ousado lance falhou. Alguns mortos e feridos ficaram, na linha de fogo, a atestar a bravura e a abnegação dos pelotões realistas. E tudo se perdeu n'essa hora — tudo menos a honra!

Menos a honra, sim! Essa foi salva em meio do revez. Essa ficou aureolando, austeramente, a fronte desses vencidos heroicos, que são, hoje, os "veteranos," da nossa Causa.

O futuro deu razão á sua aventureira tentativa. Se em Chaves se tem vencido — como se se tem vencido, mais tarde, em 1919, — a situação do paiz seria outra e elle não teria rolado, de revolta em revolta, de desvario em desvario, de crime em crime, de vileza em vileza, até á borda d'este abysmo em que vae despenhar-se.

Honra, pois, aos "veteranos," de Chaves — aos vivos, que podem, com legitimo orgulho, inscrever os seus nomes sob essa data gloriosa, embora infeliz, e aos mortos que, alli, sellaram com o seu sangue o seu ardente amor á nobre Causa da Monarchia!

LUIZ DE MAGALHÃES.

MEMENTO

Aos heroicos e leais soldados da Realeza, mortos no Combate de Chaves em 8 e Julho de 1912,

*Conscios do seu dever, na dura empresa,
Em que o seu sangue jvém derramaram,
Foram leais ao Rei, e assim mostraram
Ser soldados fiéis, «á portuguesa»...*

*Traição? Oh! nunca! A antiga Realeza
Tentaram restaurar, porque juraram,
Mas os que o juramento atraçoavam,
Córaram de vergonha e de fraqueza.*

*O' doce abnegação! O' lealdade!
Que um iia a lusa patria com saudade
Consagre o vosso feito imortal!*

*Prototypos de fé e heroicidade,
Mortestets com subllime magestade,
Na áncia suprema dum ideal.*

Julho — MCMXXIII.

S.

8 de Julho

NÃO obstante poucos anos ha- verem passado, já com criterio seguro e imparcial se pôde dizer o que foi o movimento que em Chaves teve o seu epilogo em 8 de julho de 1912. Embora 23 paixões politicas estejam ainda longe do seu termo, todos, menos os obcecados por uma visão jacobina que vai sendo tempo de acabar, podem afirmar que os portugueses que nesse dia, que não esquecemos, entraram a frente contra a republica, o fizeram na melhor das intenções. Não era para atentarem contra a integridade da Nação, como os republicanos maldosamente espalharam, que eles vinham expor as vidas e o futuro dos seus. Era para darem á Patria outro governo, outras leis, outros processos de dirigir povos que não era o que eles combatiam o que convinha a Portugal. Passaram privações no exilio, povoaram os carceres, haviam sido espancados e enxovalhados pela formiga branca de triste memoria e, com tudo isto, ainda se sentiam com coragem e força de vontade bastante para se meterem na empreza arriscada de matar a republica. Quem os secundou? Quasi ninguém. E, comtudo, todos devemos fazer a Couceiro a justiça de o não supormos tão ingenuo que quizesse com duas ou tres centenas de homens mal armados, destruir um regime que nessa altura tinha, quando mais não fôsse, a defendê-lo a turba-multa dos defensores a formiga branca.

Se ninguem os secundou é que mais uma vez houve transfugas. Tinham-no sido na outubro de 1910, Continuavam a sê-lo.

E' que, quem fôra capaz de traír um juramento feito de defender as instituições monarchicas uma vez, mais outra podia traír. Couceiro e os seus valentes companheiros foram traides por esses que tudo aceitam e a nada se abalançam. A traição deles caiu mais outra vez sobre a Nação. Desde essa data para cá, a republica tem feito o que todos vêem e observam. Quem assim o quiz, assim o tem. Os vencidos é que podem com serenidade encarar o julgamento da historia. Quando a Galiza poder ser apreciada como deve sê-lo, veremos o que ela foi e o que foram os que a combateram. O dia de julho que celebramos é para nós um desastre. E, porque o é para nós, é-o tambem para a Nação que não podemos separar da Monarquia. E' um dia de jubilo para a republica. Compreende-se Republica e Nação não se intendem. Tambem para aquela é um dia de gloria o 19 de outubro.

Descansem em paz os mortos entre os quais recordamos, comovidamente, Pedro Vila Franca a quem os defensores mataram quando o viram ferido. Para os vencidos as nossas homenagens. E, quando amanhã restaurarmos a Monarquia, todos poderemos ir a Chaves em piedosa romagem para, sobre as campas dos que por lá ficaram desfoiharmos as pétalas da nossa saudade e as lagrimas sinceras e sentidas de soldados do mesmo ideal. L. DE S.

Henrique de Paiva Couceiro



O nosso Comandante

RECORDANDO A EPOPEIA DE FÉ

Ataque a Chaves

Do livro «O Ataque a Chaves». (De Joaquim Leitão.)

M 9 de Julho de 1912, isto é, no dia seguinte ao Combate, a Columna de Paiva Couceiro bivacava em Soutelinho da Raia junto ao cemitério do povoado.

A contrastar com o dia anterior d'um calor intenso e sufocante, a noite fôra gélida e desde o Commandante com a sua fleugma, aos officiaes e ás praças, tudo batêra o queixo, sem um abrigo, sem uma manta — à la belle étoile emfim — porque a burricada do trem regimental retirára por engano, em direcção a Bonzês na raia hespanhola.

A columna estava bastante reduzida, pois houvera muitos estropiados. Armamento tambem muito defalcado e o munição quasi nas ultimas.

Entretanto, ao amanhecêr, e ao surgir o Sol (e talvez por isso mesmo...) a boa disposição de espirito era geral: gracejava-se dos pés doridos e quasi feitos num bólo, da casa requemada e cheia de poeira de cada um e ao olhar para a arvore sob a qual o Commandante e o Estado Maior bivacavam e onde a Bandeira encostada ao tronco tremula numa mancha viva azul e branca, a confiança e o peito feito para tudo em o sentimento de toda a gente.

Havia de sér o que Nosso Senhor mandasse...

Ahi pelas tantas constou que forças de cavallaria haviam sahido de Chaves n'uma tardia perseguição, que demorára quasi vinte e quatro horas a efectivar-se.

Redobrou-se de vigilancia nos postos à Cossaca, instalados nas direcções provaveis do ataque. O grosso da Columna entrincheirou se no cemitério e nos muros adjacentes e o meu pelotão foi mandado estabelecer se n'um caminho ao longo da raia e donde se podiam cruzar os fogos com os da frente de combate.

E para alli estivemos até que, ahi pelas 4 e tanto de tarde surgiu a cavallaria republicana, promptamente repellido após uns rapidos vinte minutos de tiroteio.

Pois foi nessa posição de flanco que presenciei o admiravel episodio, que vou narrar.

A certa altura notei um velhote conversando animadamente com um grupo de soldados meus.

Aproximei-me para vêr do que se tratava e o homensinho vindo a mim respeitoso e de chapéu na mão, perguntou-me: — Vossa Senhoria é o Snr. Tenente, F. não é?

E perante um acêno affirmativo meu, continuou: — Pois eu vinha aqui saber do meu filho, que anda cá com o Snr. Pai Couceiro e que é o Domingos de Castro aquelle pequeno a quem Vossa Senhoria chama o Pagem.

Confesso que fiquei um pouco perplexo. O Pagem era realmente um pequeno dos 12 a 14 annos que, em seguida á 1.ª incursão, largára da casa paterna, lá para Mairós, quasi na raia e viera comnosco, então — a marchas forçadas a caminho da Portella do Homem. Não houvera forças humanas que o fizessem voltar a Portugal e pela Galliza andava, na nosso vida aspera e pittoresca de Judéu Errante desde outubro de 911 a Julho de 912.

Na marcha para Chaves de sempenhava o Pagem, devidamente fardado e equipado, por assim dizer, as funcções de vaguemestre, olhando solicito os dois burricos do pelotão, que conduziam as mantas de officiaes e praças, as zamarras e a infima bagagem de nós todos...

Pois o Pagem desaparecera-me na vespera, após o combate. Morto? Ferido e prisioneiro? Não o sabiamos e por isso eu me confrangia em frentes d'aquelle pobre pai...

Havia até quem dissesse que o vira estendido no chão com uma bala na cabeça...

Mas, para fornecer a difficuldade, fui-lhe dizendo: — Olhe o rapaz talvez tivesse ido em sua demanda lá para Mairós...

E elle: "que não, que não, que para lá não fôra... só se estivesse para Hespanha..."

— Talvez sim... olhe, vá você, tiosinho, até Bouzês, que é aqui perto...

E o homem: — Pois vou... mas o demónio é se o não encontro...

Coitado, tenho pena do pequeno!

E com um ar serio, sem que todayia na cara se lhe contra-hisse um musculo: — O outro ficou-me lá...

— Ah! Você tem outro filho? E' soldado tambem?

E' tambem soldado cá do snr. Pai Couceiro. Desertou do 19 e hontem lá me ficou com uma bala na cabeça, ao pé do espaldão da Carreira de tiro...

Olhei, nem eu sei como, aquelle desgraçado, que eu esperava vêr romper em choro convulso. Qual?! Nem uma lagrima! A mesma cara impassivel e de impenetravel resignação! Apenas o olhar um pouco vago, perdido na estrada que ia para Chaves.

Mas o meu pasmo subiu de ponto — e fui eu que senti os olhos humidos de lagrimas — quando o velhote me disparou esta, na sua heroica e calma simplicidade: — Olhe snr. Tenente: antes o quero morto como soldado do Senhor Rei do que vivo a servi-los a elles...

Admiravel! Admiravel e absolutamente authenticico.

(Excerpto d'um Diario)

SATURIO PIRES.

Na hora presente, hora ingrata de comodismos, de messianicas soluções, Chaves, é um exemplo que confrange, um instante de gloria que chucoteia a modorra cumuni. O seu heroismo gallardo, a sua epopeia de fé, ha de fructificar, que muitos, muitos dos que n'essa hora lutaram e n'esta hora se não n' signam, louvado Deus vivam ainda.

Entretanto meus queridos heroes, meus queridos martyres, se a vossa desaffronta tardar, não duvideis do castigo tremendo.

E' que ao pelourinho da historia — republicanos e monarchicos — já estamos eternamente amarrados:

Elles porque tripudiam; nós porque os deixamos tripudiar.

José de Fátia Machado.

DISTRAÇÕES

Hoje, domingo, acabo de me lembrar que estava entre ferros da republica quando li a noticia de que Paiva Couceiro acabava de experimentar o brio dos seus compatriotas tentando uma incursão por Vinhais em direcção a Chaves.

Nesta altura, é claro pedi a todos os diabos das profundezas dos infernos que enterrassem pelo chão abaixo todos que não se fizessem frente ou lhe barrassem o caminho. Hoje, pelo contrario, estou completamente arrependido deste excesso de bravura e a minha expansão monarchica firmitaria eu da republica somente gosada e admirada até aq'ella data? Quantos prosélitos restariam ainda crentes, cada vez mais crentes para a defender após a queda? O sangue vertido tem já algum valor pelo menos para aquelles que reconhecem a volta que é preciso dar a vida nacional, mas, se tivesse vingado a iniciativa, hoje seria um sangue inutil pela razão de que não chegaríamos a vêr e avallar o arrojo e despiante inaudito como os governantes deste desgraçado Paiz descerem descer, descer ás mais degradantes formas de dirigir um povo que quer passar por civilizado.

Já agora tenho por certo que cahirei varado por uma bala, ou estilhado pelo involucro d'uma bomba: outros morrerão de fome depois de pagarem as suas contribuições, andaremos nas por estas ruas á chuva e ao frio, não teremos onde agasalhar nossos filhos, mas morreremos felizes por saber e vêr que, antes de nós, outros morreram entre os tragicos excessos deste pandemônio toido. Levem os mortos felizes por morrerem em república pelo que se apreendem!

Rasguem-se, vá, todos os pergaminhos! Matai, ó filhos, os te e cante-se a sementeira, mas

«Ao expirar o dia, expirava na terra fronteiriça o heroico Paiz de Azevedo. Mor, era de insolação, a pedir agua, elle que com a última gotta do seu canfil christãmente salvára um camarada...»

«Tole esse troço da Columna de-filo, perante o cadaver do capellão em continencia militar.»

«Lá longe, na terra adusta de Chaves, outros expiravam á mesma hora sem outra oração que a de-scarga que o fazitava: extra-viados da Columna, me-no: fil-zes que os que tinham ido parar a S. Cyprian e a Bozês.»

«Um quatro: forçim Pereira soldado do pelotão Braz e mais tres praças do pelotão Vas-covellos.»

«Haviam ficado a fazer fogo da crista de um morbo, proteger do a retirada da peça do conde de Mangualde.»

«Quando deixaram de ouvir o fogo da peça, retiraram Da Columna já não viram mais do que a peça recolhendo se a um ni-mens exactos, esfomeados, senal Escamilharam se direitos a outro pital que lhes ficava o mais na direcção da primitiva posição donde partiram. Ao lo-feridos, chamando-os, pedindo de solto. Chegou ao pital er-contraram lá tres mortos e dois-feridos. Estes imploravam com mais aacia, e os quatro soldados persuadidos que a Columna vol-taria a occupar aquella posição, agedram ás implorações dos fe-ridos e postados em atiradores impediram a approximação do inimigo.»

«Mas chegaram ás praças de Moitalegre. Uma granada re-bentou no meio d'elles, desfazer-do a carga d'um, ferindo o outro no peito e deixando o Joaquim Pereira e outro incólumes. Acor-solharam o ferido a chegar á re-ctaguarda, que por lá devia er-costrar a companhia de Saude Co-forme pôde, o homem traço: um risco de sangue na terra. Chegado a um móro tóco por-to final do seu martyrio gritou: Não se vê n'igiem da Colum-na, estamos cercado!...»

«E o vazio se em sangue caiu para o lado»

«Pereira e o outro abraçe-ram então, todo o seu negro ho-»

«Um soldado gritou-lhes logo: — Então, camaradas que é isso? Vae um copo de vinho? Os homens: tem uma rem d'as do outro torão? — Vá, nada de tristezas! Um copo de vinho...»

«Então um d'elles desamirrou a cabeça, deu um marro na mesa, e disse: — Nós não que emos viho! Nós o que qu'riamos era a Monarchia em Portugal!»

«Nós não que emos viho! Nós o que qu'riamos era a Monarchia em Portugal!»

«De gatas, marinharam uma encosta de ceteito cegado arrastando-se por vezes, cosidos com a terra d'onde nem uma gles-ta o; so orria. No cimo do mon-te, repataram-se salvos. O com-panheiro de Joaquim Pereira pôdo-se em pé deitou a correr. Poucos passos adiante, cahia cri-vado de fros. O Pereira ainda via soldados inimigos a correrem a buscar a caça, e abanarem o morto á corochada.»

«Sempre agachado meteu por dentro de um vale. Um quarto de hora teria andado assim, quando se lembrou de sair e ten-tar a fuga. Dois alferes, um sar-gento e dois soldados vedaram-lhe o caminho da liberdade. En-tregou-se á prisão. Desarma-ram-o. Uma corochada abriu-lhe pal-o e arrancoo-lhe um grito de dor.»

«A Columna já não podia ouvir esse grito, lá longe a caminho de Soutelinho. Quem a visse de dentro, assim composta de ho-mens exactos, esfomeados, senal deitos: uns deitados em muare, o outros arrastando os pés em cha-mais á e q'erta e por consequen-moribos no terreno, havia de su-pôr que consideravam tudo aca-bado, e que voltavam convencido dos d'uma definitiva derrota.»

«E ellas iam simplesmente des-cargar esperar noticias de Ca-chaves, a cujos guerrilhas se reduzia agora toda a esperança e toda a accção. Se a cabeça per-dia era de saudade, ou de fadi-ga. De desanimo, nunca!»

«Um soldado da rectaguarda, que entrou numa taberna do ca-minho, pensou encontrar pela primeira vez o espectáculo do de-sal-rto. Quatro homens da Colum-na estavam seitados a uma mesa pomorida de casa de pasto, cabisbaixos; as cabeças encosta-das no printho.»

«Um soldado gritou-lhes logo: — Então, camaradas que é isso? Vae um copo de vinho? Os homens: tem uma rem d'as do outro torão? — Vá, nada de tristezas! Um copo de vinho...»

«Então um d'elles desamirrou a cabeça, deu um marro na mesa, e disse: — Nós não que emos viho! Nós o que qu'riamos era a Monarchia em Portugal!»

«Nós não que emos viho! Nós o que qu'riamos era a Monarchia em Portugal!»

TELEGRAMA — A Redacção de o «Ecoss de Guimarães», enviou o seguinte telegrama ao bravo Comandante do ataque a Chaves e nosso querido amigo Sr. H. Paiva Couceiro: «Redacção «Ecoss de Guimarães», sauda em V. Ex.ª todos combatentes ataque a Chaves».

«salve-se a republica, gose-se a republica, ampare-se a republica, ilogie-se a republica desde que nós todos q' eremos a republica que em tantas im-rgencias fa-eis bem d'guarda pretoriana o povo de aproveitar poderiamos ter en-viado para... Rinhafotes donde Não o quiz ram. Não o quize-mos.»

«Ah! a tem, juvenil, cada vez com maior vigor, cada vez... mais republica.»

«Remastes contra a maré infe-lizissima dos mortos de Chaves. Que, p'lo me nos, q' m'hoje puder avar-de d'os e não p'ra a esperança do fim boja-ço-o de todas as tempestades.»

«Que Deus seja convosco. V. M.»

Exposição Industrial e Agrícola

Festas Gualterianas

Temos afirmado e repisado esta necessidade básica de programa: Para que a exposição atraia e enlace a si a curiosidade e o interesse de toda a gente; para que o caudal de visitantes não esmoreça com o remate dos tres dias das festas Gualterianas (4, 5 e 6 de Agosto), é indispensavel criar e organizar novos numeros de atracção, por maneira a manter o ambiente festivo dos primeiros dias.

Bem pensado foi, portanto, que os catholicos se viessem associar com o seu numero de festa publica, a festa do trabalho que o teoncelho orgulhosa e bizarramente vai celebrar. Como já é dominio publico, a mesa eleita ultimamente para a Irmandade do Nossa Senhora da Oliveira produziu-se, com um entusiasmo e um aírissimo admiraveis, realizar a esta da Padroeira da Cidade, dando ao culto tanto interno como externo uma pompa e brilhantismo excepcionais.

E nem admira que assim succeda. Estão á frente da nova mesa elementos que não só dispõem da simpatia publica como da confiança dos catholicos, facto este que vai patentear-se na altura em que esses elementos saíam á rua fazendo a *via-dolorosa* da subscrição.

O dia 14 de Agosto será, pois, de intensa animação festiva, o que trará ao seio da exposição nova onda de visitantes. Cumpre

sómente que uma boa e persistente propaganda se faça. Pelo que ouvimos a dois dos atuais membros da mesa eleita—a *procição será do mais marcante successo!* Nela se incorporarão as mais ricas imagens e as mais suntuosas alfaias do patrimonio sacro da cidade,—asseverar-nos a mesa, em unisono, pela decisão das suas deliberações e trabalhos já encetados com galhardia.

Quere tambem a mesa eleita, (e merece o nosso melhor aplauso) celebrar a passagem aniversario da batalha de Aljubarrota—festividade que *in illo tempore* o municipio mandava celebrar, fazendo a exposição publica do pelote, essa peça de indumentaria historica oferecida como preito de vassalagem a N. N. da Oliveira por El-Rei D. João 1.º e do celebre triptico que como despojo de batalha anda nimbado daquele idealismo cavallheiresco e religioso dos herois que firmaram a nossa independencia nacional.

Vai, pois, o certamen do trabalho ser enriquecido com um dia ou dois de intensa e ruidosa empolgancia festiva, restando que a mesa da irmandade tenha á sua volta, alem do reconhecimento pelo seu esforço, a cooperação publica que merece.

—Tem a palavra a subscrição publica!

A. L. DE CARVALHO.

SECÇÃO RELIGIOSA

Como Deus castiga a luxuria

Eram Sodoma, Gomorria, Leboim, Adama e Segor cidades infames pelos costumes depravados dos seus habitantes. O seu vicio principal era um dos mais repugnantes e ainda hoje se conhece pelo nome derivado da palavra Sodoma.

Cançado de sofrer tantas ofensas, Deus resolveu castigar aqueles luxuriosos.

Se ao menos houvesse dez justos em Sodoma, ainda perdoaria aos culpados. Mas não havia só quatro justos; Lot, sobrinho de Abrahão; Sara, sua mulher e duas filhas.

Mandou o Senhor dois anjos a avisar estes justos para que fugissem de Sodoma, pois ia destruir esta cidade e as vizinhas. Os anjos assim o fizeram, e apenas haviam conduzido para longe Lot e sua familia eis que o Senhor fez chover sobre aquelas cidades enxofre e fogo vindo do céu.

Ficou tudo destruido e naquele lugar se formou o que hoje se chama Mar Morto ou Lago Alfaltites.

Sara, que, quando ia a fugir olhou para traz para ver o incendio, desobedecendo assim ás ordens dos anjos recebeu logo o castigo da sua curiosidade: ficou convertida em estatueta de sal.

Boa maneira de terminar contendas

Ha na Bretanha, provincia francesa, o seguinte costume. Quando dois bretões tem alguma questáo, preferem subme-

tê-la ao paroco do lugar, primeiro que aos magistrados civis e judiciaes.

A primeira coisa que fazem é ir á igreja pedir uma missa de concordia.

As duas partes vão confessar-se e depois apresentam-se deante do altar. Fazem uma oração com o sacerdote dirigem-se para traz da igreja e ali, numa pequena esplanada que domina o cemiterio cada um expõe e defende a sua causa.

O paroco dá a sentença, voltam á igreja a ouvir missa os dois contrarios, aproximam-se da sagrada Meza e comangam juntos, concluindo assim as diferenças.

Se assim as concluissem os portuguezes!... Evitariam muitas despezas, muitos trabalhos, muitos desgostos, muitos odios e muitas vinganças; mas ai dos advogados, dos escrivães e dos juizes!

O dever em no esquecimento

Tantos pais se esquecem de devem educação a seus filhos.

Tantos homens se esquecem de que devem fidelidade a suas mulheres.

Tantas esposas se esquecem de que devem amor perpetuo a seus maridos.

Tantos filhos se esquecem das obrigações que devem a seus pais.

Tantos empregados se esquecem de que devem zelar os interesses publicos.

Tantos negociantes se esquecem que devem ganhar mas não enganar.

E quantos outros deveres tem cuido no esquecimento?

P.º ARTUR F. GUIMARÃES.

CARTEIRA

CANCIONEIRO

«Quem canta seu mal espanta»
E' ditado já vulgar,
Por isso nessa ilusão
Passo noites a cantar.

«Amor com amor se paga»
Diz um rifaõ popular;
Mas se en vendo todo o amor
E ninguém m'o quer comprar...

Adivinhas Populares

Decifração do numero anterior.

— Turibulo.

Que estalagem será uma
Pequena mas acuada,
Que apenas se lhe abre a porta
Tem dois hospedes á entrada?
Mas nunca vão que não tragam,
Introduzem-se podendo
E de nenhuma vez pagam
Entram só a dois a dois,
Uns primeiro outros depois.

A decifração da adivinha publicada no nosso penultimo numero é alho e não õlio, como erradamente saiu.

ROMEU.

Mais uma vez

Aniversarios

Fizeram e fazem anos as Ex.^{mas} Senhoras.

- Dia 3—D. Maria Izabel C. M. Lindoso.
- » —D. Mariana A. S. F. M. Cirne.
- » 8—D. Maria José R. de Meireles.
- » 10—D. Maria do Espirito Santo.
- » 11—D. Maria do C. L. da Cunha
- » 12—D. Elvira Ribeiro de Faria.
- » —D. Emilia Augusta de Castro M. Ribeiro de Faria.
- » 15 —D. Cristina Amelia S. Carneiro.

E os snrs.:

- Dia 1—Domingos L. Carneiro Azenha.
- » 2—Antonio Leite Castro.
- » 4—Dr. Antonio P. C. de Sá Mello.
- » 6—Dr. Antonio J. M. T. de Meireles (Fermil).
- » 7—Narciso Ferreira.
- » 8—Dr. José T. M. Ferrão e Tavora.
- » 9—Dr. Carlos de A. Albuquerque.
- » 10—Dr. Fernando R. de M. Chaves.
- » —Francisco de Faria
- » 14—Paulo Lobo Machado (Nespeira).
- » —Dr. Adelino Jorge.

Parabens.

—Com sua ex.^{ma} esposa regressou do Oerez a esta cidade, tendo já retirado para Lisboa, o sr. Luiz Antonio Pereira grande benemerito das nossas casas de caridade.

—Estiveram nesta cidade, na semana passada o nosso dedicado amigo e ilustre agronomo sr. dr. Alberto Velloso de Araujo, de Famalicão, sendo acompanhado por seu irmão Manuel e estremosa mãe sr.^a D. Amelia Velloso de Araujo.

—Fazendo uso das aguas, encontra-se em Melgaço o nosso presadissimo amigo e correligionario Sr. José Faria Machado.

—Já se encontra melhor da enfermidade que o deteve no leito durante alguns dias o nosso bom amigo sr. José Gonçalves.

—Já regressou de Monsão o nosso querido amigo e ilustre membro da Comissão politica sr. Padre João Luiz Caldas.

Caixa Geral dos Depositos

Desde o dia 2 do corrente, que são aceites na Agencia da Caixa geral dos Depositos em Guimarães, as cadernetas da Caixa Economica Portuguesa, afim de nelas serem inscritos os juros capitalizados e relativos ao ano economico de 1922 a 1923.

Nucleo Regional de Lisboa das Juventudes Monarquicas Conservadoras

A Comissão de Propaganda deste Nucleo lembra instantemente a todos os seus correligionarios do Paiz a grande vantagem de se inscreverem com uma quota mensal, por pequena que seja, como sócios do Nucleo Regional de Lisboa das Juventudes Monarquicas, o qual, pelos seus especiaes encargos e responsabilidades, necessita do apoio moral e material dos monarchicos de todo o Paiz. Assim prestarão um valioso serviço á causa da Monarchia.

Para queresquer esclarecimentos dirigir-se á redacção deste jornal, ou á Comissão de Propaganda das Juventudes Monarquicas Conservadoras—Travessa das Mercês, 23.—Lisboa.

«NOTICIOSO»

A este nosso prezado collega dos Arcos de Val-de-Vez, os nossos agradecimentos pela honra que nos deu em transcrever o artigo com o titulo «Afonso Costa, passeia», da autoria do nosso ilustre colaborador sr. L. de S.

Valiosa oferta

A Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, recebeu ha dias, dos nossos estimados patrios sr. Francisco e Lino Teixeira de Carvalho, atualmente residentes no Porto e Lisboa, para o culto da mesma irmandade, um paramento verde, duas ricas toalhas com renda bordada a ouro e um véu destinado á Virgem da Penha.

E' digna de louvor esta valiosa oferta, que sem duvida mostra o grande amor que aquelas vimaranenses consagram á formosa estancia da Penha.

Povoa de Lanhoso

Na freguesia de Santo Emilião da Povoia de Lanhoso, realiza-se nos dias 14 e 15 do corrente, uma grande festividade a S. Bento.

Constará de solenidade religiosa e uma vistosa procissão sendo abrilhantada por duas das mais afamadas filarmónicas.

A igreja estará ornamentada. Em 14 á noite haverá arraial, com iluminação e muito fogo.

Em 15 de tarde haverá um lindo basar de prendas.

PADRE ALBERTO MONTEIRO

A fazer as práticas preparatorias e o sermão da festa do S. Coização de Jesus na Igreja de S. Domingos, esteve entre nós na semana passada o nosso querido amigo e valioso correligionario da Povoia de Lanhoso sr. Padre Alberto Monteiro.

Agradecimento

A todas as pessoas que honraram o Ecos de Guimarães com a colaboração para o presente numero, apresentamos o nosso profundo reconhecimento.

V. O. P. de S. Francisco

A mesa desta importante casa de caridade recebeu na passada quarta-feira um telegrama do Rio de Janeiro comunicando-lhe que foi julgada a seu favor a importante questáo da herança de José Bento Alves de Carvalho.

A noticia espalhou-se desde logo pela cidade, que a acolheu com a maior satisfação.

Os sinos repicaram em sinal de regosio e no ar fizeram-se ouvir alguns foguetes.

A fachada do edificio da Veneravel O. T. de S. Francisco esteve embandeirada e iluminada.

O tribunal, dando a causa a favor desta benefica instituição, procedeu com a maxima justiça, pois ninguém duvida que a herança de José Bento Alves de Carvalho pertence á Ordem de S. Francisco e não á quasi ignorada Irmandade do Cordão e Chagas.

Eleições de Junta

Foi affixado um edital para a realização da eleição das juntas de freguesias que não foram realizadas.

Na Senhora da Oliveira, realiza-se o acto na sala das se.ões das respectivas juntas no proximo domingo ás 9 horas da manhã.

Conversando.

Uma bela tarde de verão quando a brisa começava de amenisar os ardores do sol, encontraram-se os dois amigos numa praça L., e começaram a eavaquear.

— Grande calor esteve hoje, dizia o Leão Ferreira: aí por volta das 7 horas mal se podia respirar.

— E a fruta do tempo, contestou o Benigno dos Santos; o que valeu foi ser domingo, de sorte que tenho estado metido em casa desde o almoço.

— Pois sim; mas eu é que não pude fazer o mesmo, replicou o Leão.

— Mas hoje não tinhas que fazer?

— Tinha e não tinha; é que esta tarde fui assistir a uma reunião de propaganda a sala estava á cuha e digo-te que suei as estopinhas.

— Ah! E propaganda de quê?

— Oral Propaganda socialista. E' preciso que a gente se mexa, homem.

— E esteve animada essa reunião?

— Esteve, esteve... Talvez de mais.

— Então o que se passou... se não é segredo?

— Resolveu-se dar combate á sociedade actual, sem tréguas nem piedade. Houve discursos de inflamado entusiasmo. Um orador provou que a propriedade é um roubo e que todos nós temos o direito a gozar da terra; outro disse que era preciso libertar o trabalho do jugo do capitalismo; outro que era preciso acabar com a vadiagem de certas classes que nada produzem; outro que se deviam fomentar greves contínuas para tornar a vida impossível aos governos da burguesia...

— E tudo isso foi aprovado?

— Exclamou o Benigno, cheio de espanto.

— Tudo... e mais alguma coisa. Apareceram por fim uns cabeças esturradas que se diziam partidários da acção directa... Eu não sei ponto achei de mais; mas enfim também é verdade que nós, os trabalhadores, somos os escravos da burguesia.

— Ora diz lá, amigo Leão, o que queriam os tais apóstolos da acção directa?

— Pois queriam que se recorresse á violencia para eliminar certos indivíduos que se opõem com mais força aos nossos legítimos direitos.

— Eliminar!... Oh! que linda palavra! Mas isso, caro amigo Leão, significa nem mais nem menos que... assassinar!

— Eles dizem que é fazer justiça! Mas eu lá com isso não concordei. Nada, apesar de Leão tenho horror ao sangue, contudo a culpa é dos burgueses.

— Ora valha-te Deus, homem. A culpa é de todos vós que não quereis ouvir falar senão em lutas e represálias quando estes conflitos de interesses não podem

resolver-se senão pela paz e concordia. De sorte que a questão esteve agitada?

— Oh! se esteve. Por fim formaram-se dois grupos os mais exaltados alcunharam os outros de traidores e covardes, e desandou tudo em grossa pancadaria! Foi uma pena. Eu dei ás de Vila Diogo para não me ver envolvido na desordem.

— Ora aí tens os frutos da fraternidade que apregoam os teus apóstolos. E para isso foste tu tomar esse banho de calor, de calor que podia ter resultado em banho de pancadaria! Pois olha, eu também fui hoje a uma reunião, mas mais pacífica.

— Sim? E que reunião foi?

— Uma reunião também muito concorrida, onde só falou um orador, para expôr uma doutrina com a qual todos estavam de acôrdo, mas doutrina de amor, que se fôsse posta em pratica resolveria todos esses conflitos em que vós andam metidos, e em que nos metem a nós.

— E que doutrina era essa, amigo Benigno?

— Essa doutrina ensina que a propriedade não é um roubo, mas que devem ser responsáveis os que dela fazem mau uso. Que entre o capital e o trabalho devem existir laços de fraternal amizade, auxiliando-se ambos para promoverem o bem-estar de todos. Que as condições sociais devem ser melhoradas a pouco e pouco, mas de maneira segura, pelo concurso leal de todas as classes. Que todo o trabalho é dindo quando é honesto, que os mais fracos e necessitados devem receber todo o auxilio dos mais fortes. Que sendo impossível nivelar todas as condições de vida, o que é preciso é harmonisá-las, para que se não caia na anarquia. Que acima de todos os interesses está a lei do amor social, e que quem a infringir será punido severamente.

— Pumda... interrompeu o Leão. Tudo quanto tens estado a dizer é realmente muito bonito, mas não ha homem algum com autoridade para punir o seu semelhante.

— Exactamente; porém o que os homens não podem fazer ha-de fazê-lo o Juiz que tudo sabe e tudo pode—Deus.

— Por isso, enquanto os homens não temerem a Deus, nunca poderão viver na paz e sempre renarará entre eles o odio.

— E tudo isso, pelo visto aprendestes tu na Igreja; pois agora percebo onde foi essa reunião a que assististe.

— Claro que sim: disse-o á missa o nosso paroco que é um santo homem!

— Pois amigo, o assunto interessa-me e no proximo domingo também hei-de ir ouvir-lhe o discurso.

P.^a ARTHUR F. GUIMARÃES.

Isaias Vieira de Castro

Obtendo plena aprovação fez ha dias exame, na Universidade do Porto, 3.º ano, (Bacteriologia, Parasitologia e Patologia geral), o nosso estimado conterraneo, sr. Isaias Vieira de Castro, filho do nosso prezado amigo sr. José Joaquim Vieira de Castro, gerente do agencia do Banco Popular Português nesta cidade.

Na igreja de S. Domingos realizou-se em 29 do mez passado uma magestosa festividade religiosa como complemento do Mez de Jesus.

FERNANDES & C.^a L.

Para os devidos efeitos se publica que por escritura da data, lavrada pelo notario da comarca de Guimarães, dr. Antonio José da Silva Basto Junior, foi constituída uma sociedade por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos e sob as clausulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º Esta sociedade adopta a firma FERNANDES & C.^a L. MITADA, tem a sua sede em Guimarães e o seu estabelecimento na rua dos Terceiros, n.º 69 a 85, desta cidade.

2.º O seu objecto é o exercicio e exploração de qualquer ramo comercial ou industrial e designadamente o commercio de tecidos e calçado, e ainda o commercio de comissões, consignações e conta propria, quando a sociedade nisso tenha conveniencia.

3.º A sua duração é por tempo indeterminado, e, para todos os efeitos, o seu começo se contará desde o dia 1 de Janeiro do corrente ano.

4.º O capital social é de escudos 60.000\$00 em dinheiro, dividido em 4 quotas assim distribuidas: Malaquias Augusto de Souza Guedes, esc. 33.000\$00; José Fernandes da Costa, 12.500\$00; Rodrigo Fernandes Abreu, escudos 12.000\$00; e Graciliano Reis da Silva Marques, 2.500\$00.

5.º Todas as quotas acham-se integralmente realizadas e já deram entrada na caixa social as respectivas importancias, o que expressamente se declara para todos os efeitos legais.

6.º Qualquer dos socios poderá fazer á caixa social os suprimentos de que esta careça, mediante o juro que combinar.

7.º A gerencia da sociedade, dispensada de caução, será exercida pelos socios Malaquias Augusto de Souza Guedes e Rodrigo Fernandes Abreu, que serão os unicos a usar da firma social, mas nenhum deles poderá empregá-la para fins extranhos á sociedade.

8.º Qualquero dos socios poderá fazer á caixa social os suprimentos de que esta careça, mediante o juro que combinar.

9.º Ao gerente Malaquias Augusto de Souza Guedes compete a direcção superior tecnica de todos os negocios da sociedade, ficando tambem a seu cargo a caixa e a escrituração, que andarã sempre corrente e regularmente arrumada e será feita nos livros proprios.

10.º Ao socio Rodrigo Fernan-

des Abreu compete especialmente a organisação, aprovisionamento, expedição e direcção de todos os trabalhos, bem como os serviços de armazem e balcão.

11.º Os gerentes vencerão a remuneração que a maioria dos socios lhes arbitrar em Assembleia Geral.

12.º Fica expressamente prohibido aos gerentes exercerem individualmente qualquer ramo de commercio estranho á sociedade.

13.º A cessão de quotas em favor de estranhos, fica dependente do consentimento da sociedade, a qual se reserva o direito de preferencia e quando dêle não queira ou não possa usar, pertencerá aos socios individualmente e querendo-o mais de um será a quota respectiva dividida entre eles na proporção das suas quotas.

14.º Dar se ha todos os anos um balanço geral que será fechado com data de 31 de Dezembro.

15.º Os lucros liquidos apurados em cada balanço terão a seguinte applicação: 1o ojo para fundo de reserva legal e 9o ojo para dividendo aos socios na proporção das suas quotas.

16.º § único. Se em vez de lucros houver prejuizos serão estes suportados pelos socios na mesma proporção.

17.º As Assembleias Gerais reunirãõ ordinariamente no 1.º dia util do mez de Fevereiro de cada ano e extraordinariamente serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos socios com 8 dias de antecedencia.

18.º § único. Se houver empate em qualquer deliberação da Assembleia Geral terá voto de qualidade o socio que então possuir a quota de maior valor.

19.º O socio que não quizer continuar na sociedade assim o participará á gerencia, em carta registada, com anticipação de 6 mezes, pelo menos, antes de findar o ano social.

20.º § 1.º O pagamento da quota respectiva efectuar se ha em 4 prestações trimestrais pelo que se apurar pertencer-lhe pelo ultimo balanço accrescido da parte correspondente no fundo de reserva, com o juro que então o Banco de Portugal tenha estabelecido para os seus descontos.

21.º § 2.º O socio que resolver apartar-se da sociedade antes de findar o ano social de 1923, perde o direito á parte que lhe competir no fundo de reserva.

22.º O falecimento ou interdição de qualquer socio não opéra a dissolução da sociedade que continuará com os outros socios. Os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito só terão direito a haver dos sobreviventes ou não interditos e estes serão obrigados a pagar-lhe o valor da sua quota nos termos indicados no § 1.º do artigo anterior.

23.º Dissolvendo-se a sociedade por acôrdo dos socios proceder se ha á liquidação e partilha como então para ela se concertarem, mas desde já estipulam o direito de licitação para o caso de dous ou mais socios quererem ficar com o estabelecimento social, que será adjudicado áquele que mais vantagens oferecer.

24.º Os socios, por si e por seus herdeiros ou sucessores e representantes legais renunciam ao direito de requerer arrolamento e imposição de selos nos haveres sociais, seja a que titulo fôr.

25.º Em tudo o mais regularão as disposições do direito applicavel e as deliberações tomadas em reunião dos socios.

Guimarães, 27 de Abril de 1923.

O Notario
Antonio José da Silva Basto Junior.

VENDE-SE

Em conjunto ou separado sete moradas de casas, na rua de Francisco Agra n.º 145 a 159 e um campo situado nas trazeiras dos mesmos.

Para tratar, em todos os dias uteis das 10 ás 17, na rua de D. João I n.º 93 a 95 ou no Largo do Prior do Crato n.º 1, 2 e 3.

Semente de Melão Espanhol

(Vindo directamente) Ha todas as qualidades de sementes á venda na antiga e acreditada casa Sequeira.

R. S. Damaso-Guimarães.

CARRO DE MÃO

Vende-se, forte e em bom estado, Nesta redacção se diz.

FOOT-BALL

Realiza-se hoje pelas 17 horas, no campo da Atougua, um "match" entre o 2.º grupo do Vitoria Sport Club e o 1.º grupo do Sport Club de Vizela.

Segundo informações particulares sabemos que o grupo de Vizela vem forte.

Vimaranenses! ide ver o ultimo desafio da época de "football".

Oxalá que na proxima época já joguem em campo proprio e cuidem mais dos treinos.

Seria bom que a assistencia se tornasse neutra em assuntos que dizem respeito ao jogo. GOAL.

Ex.º Sr.

N.º 25